

# PALAVRAS PARA LÁ DA PANDEMIA: CEM LADOS DE UMA CRISE

Coord.: José Reis  
Um trabalho coletivo do CES



# PALAVRAS PARA LÁ DA PANDEMIA: CEM LADOS DE UMA CRISE

Coord.: José Reis  
Um trabalho coletivo do CES



Centro de Estudos Sociais  
Universidade de Coimbra



UNIVERSIDADE DE  
COIMBRA



Organização  
das Nações Unidas  
para a Educação,  
a Ciência e a Cultura



Universidade de  
Coimbra - Alta e Sã  
inscrita na Lista do Património  
Mundial em 2013



PROGRAMA OPERACIONAL COMPETIÇÃO E INOVAÇÃO



UNIÃO EUROPEIA

Fundo Europeu  
de Desenvolvimento Regional



Fundação  
para a Ciência  
e a Tecnologia

# PALAVRAS PARA LÁ DA PANDEMIA: CEM LADOS DE UMA CRISE

## **Coordenador**

José Reis

## **Editor**

Centro de Estudos Sociais  
Universidade de Coimbra

## **Revisão Científica**

Ana Cordeiro Santos, António Sousa Ribeiro, Carlos Fortuna, João Rodrigues, José Castro Caldas, José Reis, Pedro Hespanha, Vítor Neves

## **Revisão Linguística**

Ana Sofia Veloso, Alina Timóteo

## **Design e Paginação**

André Queda

Julho, 2020

Este trabalho é financiado por Fundos FEDER através do Programa Operacional Factores de Competitividade – COMPETE e por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do projeto UIDB/50012/2020.

Os dados e as opiniões inseridos na presente publicação são da exclusiva responsabilidade dos/das seus/suas autores/autoras.

## **ISBN**

978-989-8847-25-6

# FUTEBOL

Carlos Nolasco

O futebol é das mais importantes expressões do mundo contemporâneo. É disputado à escala global com tal intensidade que, em alguns países, ocorre até um processo de futebolização da vida social e política. Na essência, o futebol é um jogo lúdico, com linguagem, representações e contingências próprias, repetindo-se estes elementos em todos os jogos – independentemente de se assistir a um jogo disputado na rua ou no mais sofisticado dos estádios. A Fédération Internationale de Football Association - FIFA, entidade que gere o futebol a nível mundial, constitui das mais relevantes organizações internacionais, seja pela quantidade de países associados ou pelo valor orçamental que movimenta, seja pela forma como mercantilizou o futebol e o promoveu à escala planetária. De um jogo simples, disputado por duas equipas, baseado na emoção identitária, o futebol tornou-se num produto complexo pelas múltiplas dimensões que foi acumulando, convertendo os clubes em empresas, os dirigentes em gestores, os jogadores em trabalhadores/mercadorias e os adeptos em clientes – num processo em que para além dos resultados desportivos se procuram maximizar ganhos financeiros e dividendos políticos, potenciados pela comunicação social e pelas transmissões televisivas. Para além do olhar encantado e romântico sobre o jogo, as jogadas e os jogadores, o futebol metamorfoseou-se com a economia, adulterou-se com a política e frustrou-se com a violência, o racismo, a xenofobia e o sexismo.

A paragem do futebol por efeito da pandemia de COVID-19 tornou manifesto o excessivo espaço mediático ocupado pelo jogo e seus derivados, revelando que é possível a sociedade existir sem esse futebol dominante e tudo o que lhe é inerente. Enquanto produto hegemónico, o futebol – essencialmente o de alta competição – tem de se recriar sobre um modelo económico aparentemente esgotado. Um outro futebol é possível, mas para que tal suceda é necessária uma lógica que – ao invés do mercado – privilegie a ética desportiva, previna a dopagem e a violência, e privilegie o *fair-play* bem como uma ética social que impeça racismo, xenofobia, discriminação, corrupção e promova a integração. Considerando a relevância social do futebol, a gestão deste desporto por entidades privadas nacionais e internacionais não pode ser acrítica por parte dos poderes públicos, pois obriga a uma vigilância da sua utilidade pública desportiva e de todas as práticas institucionais que lhe são inerentes – e que vão desde a gestão dos direitos televisivos, ao comportamento dos adeptos, passando pela mercantilização das transferências internacionais de jogadores. O futebol permite uma outra gramática da dignidade humana, mas para que tal suceda é importante que todos os agentes futebolísticos, a começar pelos jogadores, tenham um comprometimento social que se traduza em assunções políticas e de defesa de valores. Um futebol que se emancipe dos grandes estádios e procure formas alternativas de jogo – como por exemplo o futebol de rua, o futebol popular e amador –, formas inclusivas, desinteressadas e emancipadas de jogar.